# Luiz Tatit e Gilles Deleuze: é possível haver uma aproximação?

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
SUBÁREA: Música Popular

*Bruno Yukio Meireles Ishisaki*
*Faculdade de Música do Espírito Santo "Maurício de Oliveira"*
*bruno.ishisaki@fames.es.gov.br*

*Emerson Campos Gonçalves*
*Faculdade de Música do Espírito Santo "Maurício de Oliveira"*
*emerson.goncalves@fames.es.gov.br*

*Taynara de Mendonça Pinto Rufino*
*Faculdade de Música do Espírito Santo "Maurício de Oliveira"*
*ynarareal@gmail.com*

**Resumo**. Este trabalho investiga a viabilidade de um diálogo entre a semiótica da canção de Luiz Tatit e a filosofia da diferença de Gilles Deleuze. O objetivo central é identificar disparidades entre o paradigma estruturalista e a ontologia do devir para buscar soluções que permitam uma aproximação teórica entre os autores. A metodologia fundamentou-se na leitura comparativa de obras de referência. Os resultados parciais resultaram na hipótese de que os polos ser e fazer de Tatit podem funcionar como recortes discretos (simulacros operatórios necessários à significação) dos movimentos de virtualização e atualização deleuzianos. Conclui-se que uma aproximação inicial entre os autores é possível desde que se considere uma delimitação clara de territórios: a filosofia de Deleuze auxilia a pensar o que escapa à estrutura, enquanto a semiótica de Tatit instrumentaliza a percepção dos canais consolidados pelos fluxos do devir.

**Palavras-chave**. Filosofia da Diferença, Canção, Semiótica, Luiz Tatit, Gilles Deleuze.

**Luiz Tatit and Gilles Deleuze: Is it possible to have a rapprochement?**

**Abstract**. This work investigates the feasibility of a dialogue between Luiz Tatit's song semiotics and Gilles Deleuze's philosophy of difference. The central objective is to identify disparities between the structuralist paradigm and the ontology of becoming to seek solutions that allow for a theoretical rapprochement between the authors. The methodology was based on a comparative reading of reference works. Partial results resulted in the hypothesis that Tatit's poles of being and doing can function as discrete segments (operative simulacra necessary for signification) of Deleuzian movements of virtualization and actualization. It is concluded that an initial rapprochement between the authors is possible provided that a clear delimitation of territories is considered: Deleuze's philosophy aids in thinking about what escapes the structure, while Tatit's semiotics provides the tools to perceive the channels consolidated by the flows of becoming.

**Keywords**. Philosophy of Difference, Song, Semiotics, Luiz Tatit, Gilles Deleuze.

## Delimitação do tema

No contexto de pesquisa sobre processos criativos da canção em Música Popular, fazemos uso da filosofia de Gilles Deleuze para pensar a ontologia musical a partir da produção de diferença. É inevitável, ao tratar de canção brasileira, não abordar em algum momento o pensamento do cancionista e pesquisador Luiz Tatit, cuja obra se encontra consolidada como importante fundamento artístico e teórico para os estudos da canção. Tatit é referenciado, por exemplo, em estudos de Wisnik (1989), Lima e Nascimento (2011), Oliveira (2011), Freire (2011), Oliveira (2012), Marum e Machado (2022, 2024), Caretta (2020), Granja e Zan (2023), Garcia (2024) e Ramos (2025). Nesta pesquisa, desejamos fazer o pareamento entre os dois autores para verificar os pontos em que seus pensamentos seriam conciliáveis, e também para identificar onde haveria disparidades.

## Problema

São dois os principais problemas de pesquisa: 1) a identificação de possíveis incompatibilidades entre Luiz Tatit (um autor vinculado à tradição estruturalista) e Gilles Deleuze (cujo pensamento busca a exploração de um território para além dessa tradição) e 2) a investigação para verificar até que ponto torna-se possível um diálogo entre os dois autores.

Resumimos nossos problemas nas seguintes questões de pesquisa:

1) quais são os possíveis entraves em uma aproximação entre o pensamento desenvolvido por Luiz Tatit em seu livro *O Cancionista* e a Filosofia da Diferença proposta por Gilles Deleuze?

2) de que modo as possíveis disparidades entre os autores poderiam ser interpretadas para que ambos possam compartilhar um mesmo campo teórico com vistas para pesquisas futuras?

## Objetivos

1) Mapear as divergências e ressonâncias entre os sistemas de Tatit e Deleuze

3) Investigar a possibilidade de diálogo entre os autores.

## Pressupostos teóricos

A semiótica de Tatit se fundamenta na tradição estruturalista francesa, enquanto o projeto filosófico de Gilles Deleuze se posiciona de forma crítica em relação a essa tradição. Contudo, esta oposição não significa necessariamente a exclusão mútua e imediata dos pensamentos e conceitos assim colocados: ela pode se dar por conta de discordâncias locais engendrando linhas argumentativas que, por dilatação, eventualmente acabam se constituindo como grandes territórios antagônicos, ou ainda por divergências de projeto. Toda a área prévia a essas discordâncias pode formar uma intersecção, e até mesmo o ponto de origem das discordâncias, a depender do contexto, pode ser colocado em perspectiva considerando-se o objeto ao qual se aplica.

Nossa hipótese é a de que a teoria de produção de sentido de Tatit pode, em certa medida, ser aproveitada e operacionalizada na filosofia de Deleuze. Contudo, essas operações precisam estar situadas em uma visão que não se resume à análise das estruturas, pois, em Deleuze, a estrutura não esgota ou explica totalmente o sentido.

## Metodologia

Leitura comparativa dos textos *Diferença e Repetição*, *Lógica do Sentido*, *Mil Platôs vol. 2*, *Semiótica das Paixões* e *O Cancionista*, de comentadores da obra de Luiz Tatit e de pesquisadores que trabalham no cruzamento entre o pensamento de Gilles Deleuze e Algirdas Julien Greimas.

## Discussão

### Significação e produção de sentido na filosofia de Gilles Deleuze

Gilles Deleuze e Felix Guattari (2011, p. 63) definem o regime de signos como "qualquer formalização específica, pelo menos quando a expressão for linguística". Os autores identificam quatro regimes principais: 1) significante; 2) pré-significante; 3) contra-significante e 4) pós-significante.

No regime significante, signos remetem a signos indefinidamente, criando um circuito em *looping*. É este regime que permite estruturas circulares como as do dicionário, no qual um termo é explicado por outro, que por sua vez é explicado por outro, até que se retorne ao termo inicial (Deleuze e Guattari, 2011, p. 64-71).

No regime pré-significante, várias formas de expressão (sons, movimentos, gestos, marcas) são praticadas sem hierarquia, e sem remeter a um código de significação central. Para exemplificar este regime, podemos pensar em um sinal corporal que não significa necessariamente algo, mas que conecta o indivíduo que a detém com a memória de sua realização. Trata-se, portanto, de um signo prático, diretamente vinculado à materialidade de sua ocorrência (Deleuze e Guattari, 2011, p. 71-72).

No regime contra-significante, utiliza-se, ao invés da significação, números como instrumentos de expressão. Trata-se de uma transposição do qualitativo para o quantitativo. O regime contra-significante não é exatamente representativo, indicando apenas ordens numéricas, cômputos e movimentações de quantidade (Deleuze e Guattari, 2011, p. 72-73).

O regime pós-significante é caracterizado por um processo de subjetivação. A partir de um rompimento com o regime significante, cria-se um ponto de partida para uma linha de fuga. O cogito cartesiano é um bom exemplo desse regime, surgindo do rompimento com o dogmatismo escolástico. Para Deleuze e Guattari, o "eu penso" é o ponto singular a partir do qual duas estruturas subjetivas se tornam possíveis: aquela que pensa (sujeito de enunciação) e aquela que diz "eu" enquanto pensa (sujeito de enunciado). Nesse regime, as duas formas de subjetivação sempre se rebatem, e dessa tensão, nasceria a noção ou intuição de uma razão pura (Deleuze e Guattari, 2011, p. 73-95).

Os regimes de signos se misturam (Deleuze e Guattari, 2011, p. 74). Apesar disso, notamos que a proposta de Tatit corresponde, em grande medida, a um regime pós-significante. Apesar de haver uma camada de signos remetendo a signos em seu sistema, o regime de Tatit trata as canções como gestualidades orais do cancionista, produtos de um ponto de partida subjetivo atravessados por forças passionais e temáticas. A dicção do cancionista, manifestada na voz que fala e na voz que canta reflete o duplo paralelismo entre sujeito de enunciação e sujeito de enunciado.

Cabe compreendermos como Deleuze entende, em termos gerais, a produção de sentido. Para o filósofo, a significação, juntamente com a designação e a manifestação, integram inicialmente três dimensões da proposição (Deleuze, 2011, p. 11-20). O regime da significação diz respeito às relações das palavras com conceitos gerais, bem como de suas relações sintáticas. A designação trata da relação da proposição a um estado de coisas, enquanto a manifestação refere-se à relação da proposição com o sujeito que a enuncia.

As três dimensões se apóiam tautologicamente: a manifestação (o "eu" que fala) serve de fundamento para a designação (a relação que se quer estabelecer entre uma palavra e alguma

coisa). Contudo, a manifestação depende da significação (a língua precisa ser um consenso social para o "eu" se expressar). A significação, por sua vez, depende de uma correspondência entre palavras e estados de coisa, pressupondo atos de designação anteriores. É impossível aferir o princípio do sentido nesse *loop*.

O modo de se sair desse sistema de retroalimentação é admitindo o sentido como quarta dimensão da proposição, como aquilo que ela expressa, definido como "incorporal na superfície das coisas, entidade complexa irredutível, acontecimento puro que insiste ou subsiste na proposição" (Deleuze, 2011, p. 20). O sentido de alguma forma extrapola e se distingue das três dimensões anteriores da proposição, sendo irredutível aos estados de coisas, às imagens particulares, às crenças pessoais e aos conceitos universais e gerais: ele se vincula diretamente à experiência. Isto explica a dificuldade em elaborarmos descrições precisas daquilo que experimentamos, ou seja, de traduzir fielmente o sentido de algo em novas proposições: estas sempre nos parecem novos objetos, inevitavelmente alienados, em alguma medida, daquilo que foi vivido. Pois parece que

> A lógica do sentido é toda inspirada de empirismo; mas, precisamente, não há senão o empirismo que saiba ultrapassar as dimensões experimentais do visível, sem cair nas Ideias e encurralar, invocar, talvez produzir um fantasma no limite extremo de uma experiência alongada, desdobrada. (Deleuze, 2011, p. 21)

O sentido estaria ao mesmo tempo, no expresso da proposição e no atributo do estado de coisas:

> Ele volta uma face para as coisas, uma face para as proposições. Mas não se confunde nem com a proposição que o exprime nem com o estado de coisas ou a qualidade que a proposição designa. É exatamente, a fronteira entre as proposições e as coisas. (Deleuze, 2011, p. 23).

## O regime de signos de Luiz Tatit

Os três campos de análise principais da teoria de Luiz Tatit são a figurativização, a passionalização e a tematização, considerados pelo autor como âmbitos importantes de geração de sentido. Em suas análises, Tatit não considera, com o mesmo nível de rigor, aspectos como harmonia, timbre, dinâmicas, articulações, textura, densidade, andamento; seu enfoque está unicamente na abstração da estrutura melódica e em sua relação com a letra da canção.

Na figurativização, estruturas da fala são preservadas no canto e participam das construções melódicas e rítmicas. É a figurativização que garante uma permanência, na melodia

cantada, da fala ou dicção do cancionista. Os dois elementos fundamentais da figurativização são os dêiticos e os tonemas.

Os dêiticos marcam posições enunciativas no espaço e no tempo, enquanto os tonemas se dividem em três comportamentos melódicos: o ascendente, que sugere uma determinação compensatória, o descendente, que marca uma finalização asseverativa e a sustentação da nota, que permite a continuidade melódica (Caretta, 2020, p. 344).

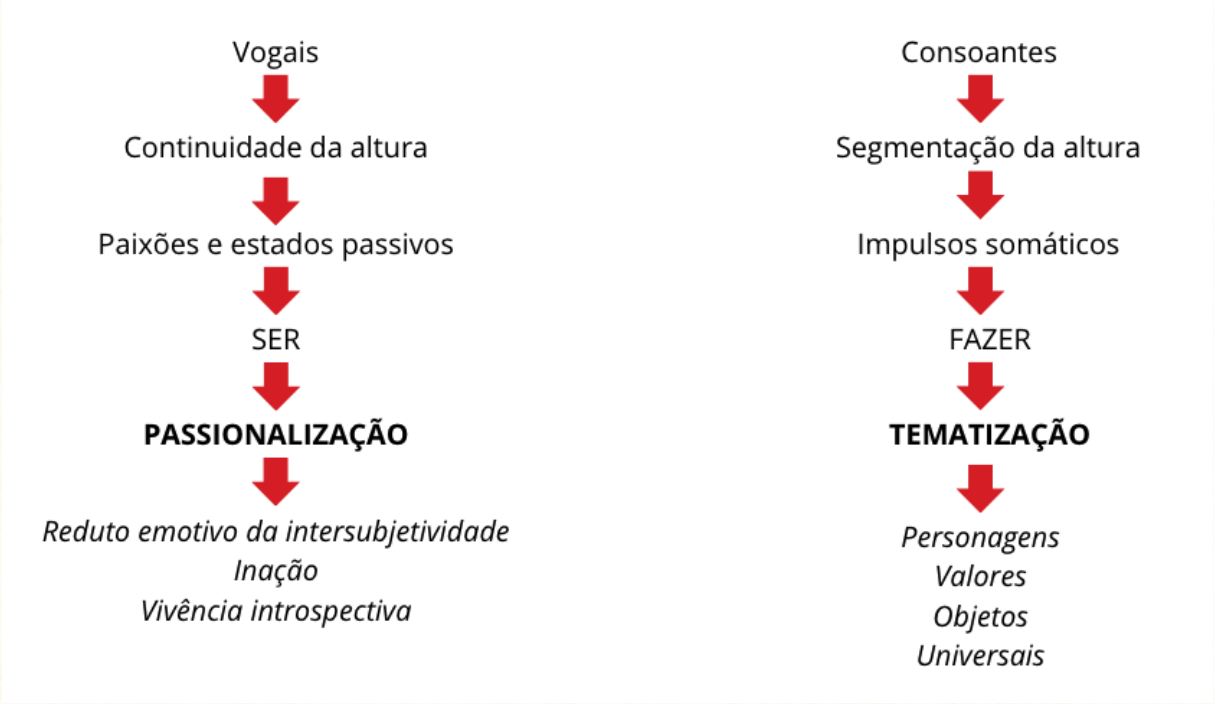
Segundo a teoria de Tatit, o uso das vogais e consoantes assume um papel fundamental nas criações de canções. Observa-se que dentro da gestualidade oral do cancionista é possível analisar uma tensividade encontrada na continuidade dos segmentos da melodia influenciando o ritmo da canção. Tatit empreende análises a respeito da intenção do compositor em passionalizar ou tematizar verificando suas escolhas de vogais ou consoantes trabalhadas do ponto de vista sonoro, como forma de tensão.

O processo de passionalização ocorre no momento em que vogais são estrategicamente utilizadas para prolongar a nota, o que corresponde ao estado passivo da paixão, impactando tanto na frequência quanto na oscilação da tessitura. Trata-se de uma força de continuidade que Tatit associa aos estados de alma, ou seja, ao ser (Tatit, 2002, p. 22).

Ao escolher manter palavras com consoantes, o cancionista trabalha com forças de segmentação associadas aos estados de coisas - a tematização. As consoantes atuam como interrupções do fluxo sonoro contínuo das vogais, gerando estruturas rítmicas entrecortadas. Este estado é associado ao fazer, por conta de seus estímulos somáticos. A tematização melódica tende a concordar com as tematizações linguísticas na criação de personagem ou de valores-objetos e também de universais (Tatit, 2002, p. 23).

Na figura 1 podemos observar as estruturas da passionalização e da tematização que inferimos do sistema de Tatit:

**Figura 1: estruturas de designação referentes à passionalização e à tematização no regime de signos de Luiz Tatit.**




Fonte: dos autores.

Com esse regime de signos, Tatit se apóia na possibilidade de descrever e fazer aparecer o sentido das canções em seu método analítico; contudo precisamos saber se estas descrições possuem a pretensão de serem desvelamentos absolutos do sentido, pois, se for este o caso, o diálogo com a filosofia da Diferença de Deleuze pode ser inviabilizado. Para solucionar este problema, necessitamos incluir, em nossa discussão, um terceiro autor.

## Diálogo entre Tatit e Deleuze

*Semiótica como horizonte ôntico*

A fundamentação teórica do regime de signos proposto por Tatit se encontra na semiótica de Algirdas Julien Greimas. Ao definir o escopo de sua disciplina, Greimas aponta para a necessidade de se manter uma distância em relação à compromissos ontológicos, mantendo o discurso no que ele chama de "horizonte ôntico", o que significa,

> … para a semiótica, interrogar um conjunto de condições e de precondições, esboçar uma imagem do sentido anterior e necessária ao mesmo tempo à sua discretização, e não procurar fazer reconhecer seus fundamentos ontológicos. É a esse custo apenas que a teoria semiótica pode justificar sua própria atividade, sem para tanto transformar-se numa filosofia que ela não conseguiria ser. (Greimas; Fontanille, 1993, p. 12)

É fundamental que haja clareza em relação a este projeto, pois é a partir dele que podemos entender a oposição entre ser e fazer proposta por Greimas e seguida por Tatit. Isso porque, como supramencionado, para Greimas, a semiótica se destina à investigação e descrição dos entes a partir dos efeitos de sentido (e não com uma perspectiva ontológica): "o discurso semiótico é, desde então, a descrição das estruturas imanentes e a construção dos simulacros[1] que devem dar conta das condições e das precondições da manifestação do sentido e, de certa maneira, do [ser]" (Greimas; Fontanille, 1993, p. 12).

Nesse caminho, é interessante recuperar a análise de José Luiz Fiorin, que aponta que o linguista lituano, já em sua obra fundadora, *Semântica estrutural*, articula que

> [...] sendo a significação onipresente e multiforme, a ponto de o mundo humano definir-se 'essencialmente como um mundo de significação', de só poder 'ser chamado *humano* na medida em que significa alguma coisa', o denominador comum das ciências humanas é a pesquisa acerca da significação (Fiorin, 1999, n.p. *apud* Greimas, 1973, p. 11).

*Discretização do sentido*

Para que a significação aconteça, contudo, o sentido das palavras precisa paralisar momentaneamente o devir, ele deve extrair o discreto do contínuo: se utilizamos uma palavra para designar um ente temporal em constante mudança, devemos pressupor um consenso de que há, ao menos em termos práticos, alguma estabilidade "temporária" naquele ente, a partir da qual derivamos uma estrutura estável; trataria-se, aí, "de um 'parecer do ser', mas fundado na prática operatória e visando à sua eficácia" (Greimas; Fontanille, 1993, p. 17).

Nesta perspectiva, as estruturas estáveis são investigadas a partir de estados pressupostos e transitórios, produzidos a partir dos percursos generativos nos enunciados. Nesse sentido, podemos falar de "simulacros" e, ao mesmo tempo, resolver a questão deixada em aberto no tópico anterior. Na perspectiva dos autores, a análise do sentido se apóia naquilo que é comunicável por meio de estados. Então não há a pretensão de desvelar o ser de forma autêntica, e sim o de transmitir uma informação comunicável a respeito do sentido.

É importante situar que essa proposição que toma o estado como simulacro resultante da produção de sentidos tem como influência a fenomenologia de Merleau-Ponty:

[1] Sobre o conceito de simulacro em Greimas, ver Vasconcelos (2017, p. 69-70).

> Ora, para a semiótica greimasiana (na qual se pode reconhecer aqui a influência da fenomenologia, especialmente a de Maurice Merleau-Ponty), o mundo não é um "referente cego": ele é, antes, uma linguagem em si mesmo, ou, melhor ainda, uma macrosemiótica. (Montanari, 2016, p. 8, tradução dos autores)

Assim, ao olhar para as canções (ou qualquer outro enunciado) como uma forma de produzir sentidos que toma o próprio mundo como referência, é importante destacar que, na perspectiva greimasiana, a produção de sentidos vai operar dentro de um percurso gerativo que toma diferentes níveis: o *fundamental*, nível mais profundo, onde se organizam as diferentes categorias semânticas que operam por euforia ou disforia; o nível *narrativo*, onde os conceitos abstratos são assumidos por sujeitos e objetos, marcando as modalizações do *ser* e do *fazer*; e o nível *discursivo*, onde o enunciado se constitui como manifestação de significado.

Greimas e Fontanille distinguem dois tipos de estados: um no resultado de uma ação e outro como ponto de partida; respectivamente, o "estado de coisas no mundo" e "estado de alma". Os dois estados fazem ressonância com a dicotomia entre sujeito e mundo (Greimas; Fontanille, 1993, p. 16). O ser e o fazer se relacionam, então, por meio de modalizações desses estados: 1) o fazer que modaliza o ser; 2) o ser que modaliza o fazer; 3) o ser que modaliza o ser e 4) o fazer que modaliza o fazer.

> A modalização de enunciados de estado é também denominada "modalização do ser" e atribui existência modal ao sujeito de estado. A modalização de enunciados de fazer é responsável pela competência modal do sujeito do fazer, por sua qualificação para a ação (Barros, 1990, p. 42).

O fazer está vinculado à função de transformação, entendida como algo que "dá conta do que acontece, quando da passagem de um estado a outro" (Greimas, 1976, p. 61), enquanto o ser se vincula à função de junção, entendida como "relação que determina o 'estado' do sujeito, por referência a um objeto de valor qualquer" (Greimas, 1976, p. 60). Essa relação ocorre no campo da narratividade, compreendida como um campo de mudança de estado pelo "fazer transformador" (Barros, 1995, p. 85). Contudo, ainda que esse seja o nível mais explorado dentro do percurso generativo, o próprio Tatit lembra que o processo de enunciação "abrange toda a extensão desse percurso, de modo que, já no nível profundo, iniciam-se as escolhas dos valores pelo enunciador, mesmo que estes se resumam às noções de continuidade e descontinuidade" (Tatit, p. 18, 2001).

*Planos científico e filosófico*

A definição dos termos "ser" e "fazer" em Greimas e Tatit não são as mesmas da filosofia de Deleuze. Entretanto, ao invés de entrarmos em um embate sobre todas as tensões resultantes do que tais palavras significam, optamos por levar em consideração uma importante distinção de área: as investigações de Greimas e Tatit são de cunho científico, enquanto o trabalho de Deleuze e Guattari é filosófico. Nesse sentido, não se espera uma concordância dos termos, pois os mesmos foram desenvolvidos com vistas a objetivos diferentes.

Em *O que é a filosofia?* Deleuze e Guattari expõem a ideia de que filosofia, ciência e arte são modos distintos de produção de conhecimento. A filosofia trabalha com conceitos; a ciência, com funções e proposições; a arte, com perceptos e afectos. As principais diferenças entre filosofia e ciência seriam: 1) que a ciência trabalha com sistemas de referência, enquanto a filosofia é criada a partir de um plano de imanência; 2) as variáveis, na ciência, são independentes, enquanto na filosofia elas são inseparáveis; 3) a ciência parte de observadores parciais, enquanto a filosofia, de personagens conceituais e 4) a ciência estuda estados de coisas, enquanto a filosofia estuda "acontecimentos" (entendidos aqui como singularidades incorporais, devires que atravessam corpos e transformam sentidos).

Assim, podemos entender que, do ponto de vista de Deleuze e Guattari, o ser e fazer de Greimas e Tatit são funções ou proposições científicas, não tendo correspondência imediata com o que seriam os conceitos filosóficos de Ser e Fazer na Filosofia da Diferença. O próprio Greimas se posiciona de forma análoga quando fala do "horizonte ôntico". A partir da distinção entre ciência e filosofia, nos vemos desobrigados a colocar os autores em conflito nesse âmbito. Nessa perspectiva específica, o entrave ao início de um diálogo, em nosso posicionamento, se encontra desobstruído. Ser e fazer em Greimas e Tatit são funções que não entram em conflito direto com os conceitos de Ser e Fazer na Filosofia da Diferença, pois os primeiros estão comprometidos com um horizonte ôntico, científico, enquanto esta filosofia trabalha seus conceitos no campo da ontologia.

A filosofia de Deleuze se preocupa em pensar aquilo o que está no limite do próprio pensamento: a diferença sem conceito, o Não Senso como fundamento do sentido, a continuidade ininterrupta do devir. Entendemos que a teoria de Tatit não elege tais conceitos como objetos de estudo: ele quer derivar o sentido unicamente das relações presentes em estruturas textuais e melódicas da canção. Entendemos que ambos os projetos não se anulam mutuamente: a Filosofia da Diferença nos auxiliará a pensar aquilo o que escapa à estrutura, enquanto a semiótica empregada por Tatit nos instrumentaliza a perceber as relações dos canais

já consolidados pelos fluxos do devir. Cremos que uma aproximação entre os autores é plenamente possível, desde que haja ciência prévia dos escopos e territórios de cada pensamento.

Se o caminho está livre para o diálogo, qual seria o ponto de contato no qual tanto o regime de Tatit quanto a Filosofia da Diferença poderiam formar intersecção? Para responder a esta questão, devemos lançar um olhar deleuziano ao regime de signos de Tatit para visualizar um possível campo de pesquisa.

Filosoficamente, o Ser e o Fazer não são necessariamente opostos: há Ser no Fazer e Fazer no Ser, sobretudo se considerarmos o papel do devir na ontologia da Filosofia da Diferença. Para Sales (2005, p. 4-5),

> A arquitetura filosófica de Deleuze será tecida, segundo numerosas variações conceituais, para sustentar: o Ser é mente e corpo, os dois concomitantemente, a densa articulação da diferença entre os planos heterogêneos. Não pode haver nenhum privilégio entre eles, mas coexistência, pressuposição recíproca, de modo que um deve sempre remeter ao outro.

Já o ser e o fazer da semiótica de Greimas podem remeter, em nossa perspectiva, a recortes discretos operados como simulacros dos movimentos de virtualização e atualização descritos por Deleuze em *Diferença e Repetição*. Tal ponto de contato se torna factível quando levamos em conta que Greimas e Fontanille estão familiarizados com os conceitos de virtualização e atualização, e os utilizam para ilustrar a dinâmica do percurso de sentido:

> Conceber a teoria semiótica sob a forma de percurso consiste, portanto, em imaginá-lo como caminho marcado por balizas, é verdade, mas sobretudo como escoamento coagulante do sentido, como seu espessamento contínuo, partindo da imprecisão original e "potencial", para chegar, através de sua "virtualização" e de sua "atualização", à fase da "realização", passando das precondições epistemológicas às manifestações discursivas. (Greimas; Fontanille, 1993, p. 12)

Os sons interrompidos por consoantes, associados ao fazer, poderiam remeter ao processo de atualização, no qual os fluxos sonoros são repartidos, diferenciados e esgotados em múltiplas organizações silábicas; já os sons de vogais, contínuos e associados ao ser, podem indicar processos de virtualização, nos quais a energia se desloca, na emissão vocal, de volta para um campo virtual incorpóreo. As diversas possibilidades de combinação de sons contínuos e segmentados poderia, nesse caso, indicar também variações de energia na organização lírico-melódica do circuito virtual-atual.

Deleuze utiliza os conceitos de virtualização e atualização para fazer ontologia, explicando a constituição dos acontecimentos, descrevendo as dinâmicas do processo de criação e delineando sua economia de energia potencial. Cremos que alinhar o entendimento desses conceitos aos resultados das análises de Tatit pode ser proveitoso para entendermos, do ponto de vista da volição, o modo como as canções se consolidam em suas estruturas textuais e melódicas. Trata-se de um empreendimento que lança o olhar tanto para as questões da estrutura quanto para as do devir da canção: por um lado, estudaremos os esquemas discretos, extraídos do contínuo do vivido, mas sem perder este contínuo de vista, buscando elencar, na medida do possível, os territórios que a análise da estrutura de Tatit não alcança. Nesse sentido, nos aproximamos daquilo que Silva, *et al*. (2022, p. 6) chamam de "semiótica crítica":

> Há, portanto, uma semiótica anunciada como projeto em Peirce e em Saussure, uma semiótica propriamente dita em Hjelmslev, Barthes e Greimas e uma semiótica que não diz seu nome, com Foucault, Deleuze, Derrida e Latour. É esta terceira semiótica que queremos explorar sob a alcunha de Semiótica Crítica.

Esta aproximação se mostra viável porque, apesar de não se confundirem, "a semiótica parece lançar as bases para a ontologia. A ontologia comunicante, por sua vez, não pode deixar de remeter à semiótica" (Sales, 2005, p. 17). Abre-se então uma hipótese de trabalho a ser explorada nas próximas pesquisas: o polo conceitual virtual-atual deleuziano poderia ser articulado à teoria de composição de canções de Luiz Tatit, gerando uma compreensão que apontaria para uma dinâmica ontogenética, para além da análise. Esta hipótese é composta pelas seguintes questões: 1) é possível designar, respectivamente, o virtual e atual deleuzianos (conforme tais conceitos são desenvolvidos em *Diferença e Repetição*) ao ser e fazer do regime de Tatit?; 2) quais serão os resultados obtidos, ao trabalhar as análises de canções com a camada de designação virtual-atual sobreposta ao regime de signos de Tatit?

## Conclusões

Para concluir, responderemos às questões colocadas previamente como problemas de pesquisa. Sobre a primeira questão: de saída, observamos que a principal dificuldade consiste na diferença paradigmática entre o pensamento estruturalista, de viés descritivo, relacional e esquemático, e a Filosofia da Diferença, comprometida com a imanência, o devir e uma ontologia que não se apoia na semelhança e na estabilidade das relações enquanto estruturas substanciais. Vimos que Deleuze pensa a criação de sentido a partir de um fundamento paradoxal e, até certo ponto, indescritível, enquanto a semiótica adotada por Tatit a partir de

Greimas se apoia em simulacros para realizar o percurso do sentido naquilo o que ele tem de comunicável.

Sobre a segunda questão: apesar de uma distinção muito clara em suas visões epistêmicas, as propostas estruturalista e pós-estruturalista não são necessariamente auto excludentes em todos os aspectos. Gilles Deleuze não propõe abrir mão radicalmente do estudo das estruturas, principalmente nos casos em que tais estudos se situam claramente no campo científico; assim, as contribuições epistemológicas que se referem a estados de coisa, quando assim colocadas, podem ser aceitas e se oferecerem abertas ao diálogo com a filosofia da Diferença. O principal entrave seria a disparidade entre o estruturalismo que alicerça o pensamento de Tatit e de Greimas e a filosofia de Deleuze; contudo, isto só seria um problema irreversível em nossa formulação hipotética se a semiótica se colocasse como campo predominantemente filosófico. Vimos que este não é o caso, quando abordamos a introdução da *Semiótica das Paixões* de Greimas e Fontanille. Enquanto pudermos trabalhar o pensamento de Deleuze no campo filosófico em paralelo ao de Tatit e Greimas no campo científico, tais disparidades podem ser colocadas em perspectiva a partir de uma delimitação clara de seus territórios de criação de conhecimento, ainda que isso não garanta ausência de atrito entre os referenciais teóricos considerados.

A leitura conjunta dos autores mencionados nos encaminhou para a construção de uma hipótese de trabalho que necessita de desenvolvimentos futuros. Sendo este um texto que descreve ações de pesquisa de iniciação científica, nele apresentamos apenas conclusões parciais oriundas do estudo realizado até o presente momento.

## Referências

BARROS, D. L. P. *Teoria Semiótica do Texto*. 1ª ed. São Paulo: Ática, 1990.

BARROS, D. L. P. Sintaxe narrativa. In: OLIVEIRA, A. C. e LANDOWSKI, E. (Orgs.). *Do inteligível ao sensível. Em torno da obra de Algirdas Julien Greimas.* São Paulo, EDUC, p. 81-97, 1995.

DELEUZE, G. *Lógica do Sentido*. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DELEUZE, G. *Diferença e Repetição*. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O que é a filosofia?*. São Paulo: Editora 34, 2010.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil Platôs, vol. 2*. São Paulo: Editora 34, 2011.

FIORIN, J. L. Sendas e veredas da semiótica narrativa e discursiva. *Delta: Revista de Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*, v. 15, n. 1, p. 177-207, 1999.

FREIRE, V. B. Canções e papéis feminismo, em teatros e salões do Rio de Janeiro (1860-1930). In: XXI Congresso da ANPPOM. Uberlândia, 2011, p. 896-902. *Anais do XXI Congresso da ANPPOM.*

GARCIA, J. B. Historicizando a canção, cancionalizando a histórica: apontamentos sobre O século da canção, de Luiz Tatit. In: XXXIV Congresso da ANPPOM. Salvador, 2024. *Anais do XXXIV Congresso da ANPPOM*.

GRANJA, R. H. M. M.; ZAN, J. R. Sentidos e representações em Asa Branca. In: XXXIII Congresso da ANPPOM. São João del-Rei, 2023. Anais do *XXXIII Congresso da ANPPOM.*

GREIMAS, A. J.; FONTANILLE, J. *Semiótica das paixões*: dos estados de coisas aos estados de alma. São Paulo: Ática, 1993.

GREIMAS, A. J. *Da imperfeição*. Tradução de Ana Claudia de Oliveira. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

GREIMAS, A. J. *Semântica estrutural*. 1ª ed. São Paulo: Cultrix/EDUSP, 1973.

LIMA, A. F. O.; NASCIMENTO, H. G. O alcance do conceito de "cancionista" no modo de atuação do solista instrumental, na canção e da canção. In: XXI Congresso da ANPPOM. Uberlândia, 2011, p. 804-808. *Anais do XXI Congresso da ANPPOM.*

MARUM, A. L. N.; MACHADO, R. Considerações sobre cantoras violonistas da música popular brasileira. In: Anais do XXXII Congresso da ANPPOM. 2022, Natal. *Anais do XXXII Congresso da ANPPOM*.

MARUM, A. L.; MACHADO, R. A integração voz e violão na canção Passarinho (Joyce Moreno e Mário Quintana). In: XXXIV Congresso da ANPPOM. 2024, Salvador. *Anais do XXXIV Congresso da ANPPOM*.

MONTANARI, F. Imminence-immanence. Une possible discussion à propos de l'épistémé sémiotique. *Ocula: Occhio semiotico sui media*, v. 16 , p. 2-41, 2016.

OLIVEIRA, A. S. O modelo semiótico de Luiz Tatit e suas implicações na análise da canção popular no Brasil: algumas considerações iniciais. *Linguagem* - Estudos e Pesquisas. Vol. 16, n. 2, p. 131-147, jul-dez 2012.

OLIVEIRA, H. M. Canção regionalista tocantinense: delimitação de um estudo sobre música popular e identidade. XXI Congresso da ANPPOM. Uberlândia, 2011, p. 834-839. *Anais do XXI Congresso da ANPPOM.*

RAMOS, M. *Teorias da canção*: percursos, fundamentos e metodologias. Vitória: Cousa, 2025.

SALES, A. Semiótica e comunicação em Gilles Deleuze. *Intexto*, v. 1, n. 12, p. 1-22, 2005.

SILVA, A. R. *et al*. A aventura crítica da semiótica. *Intexto*, n. 54, p. 1-19, 2022.

TATIT, L. *Análise semiótica através das letras*. 1ª ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

TATIT, L. *O Cancionista*. São Paulo: Edusp, 2002.

VASCONCELOS, S. A. A semiótica greimasiana sob aspectos fenomenológicos: uma relação de sentido. *Revista Digital dos Programas de Pós-Graduação do Departamento de Letras e Artes da UEFS*, vol. 18, n. 2, maio-agosto 2017.

WISNIK, J. M. *O som e o sentido*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.